

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO ESTÉTICA

Igor Antônio Silva

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia
igorgeoufu@yahoo.com

Tulio Barbosa

Professor Doutor da Universidade Federal de Uberlândia
tulio@ig.ufu.br

RESUMO

A relação ensino, geografia e literatura tem como centralidade a contribuição para a edificação de uma metodologia de ensino e pesquisa que permita a ampliação da compreensão das analogias geográficas pelo aluno no seu cotidiano. A literatura não é aqui compreendida como ferramenta, mas como elemento histórico, social e geográfico, isto é, não se trata de buscarmos a delimitação geográfica numa obra literária, pois entendemos que a mesma em si é, também, geográfica. As reflexões nesse trabalho objetivam construir um cabedal teórico que permita a ampliação da discussão e da prática didática e pedagógica no cotidiano da geografia escolar no ensino fundamental e médio.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Literatura. Estética. Crítica.

THE TEACHING OF GEOGRAPHY AND THE LITERATURE: AN AESTHETIC CONTRIBUTION

ABSTRACT

The relationship between teaching, geography and literature has as a central contribution to the building of a teaching methodology and research that allows the expansion of geographical understanding of analogies by students in their daily lives. The literature is not understood here as a tool, but as an historical, social and geographical element, that is, it is not seeking a geographical demarcation in literary work, because we understand that it itself is also geographical. The reflections in this work aim to build a leather framework that allows the expansion of the discussion and the didactic and pedagogical practice in everyday school geography in elementary and middle school.

Key words: Teaching Geography. Literature. Aesthetics. Criticism.

PARA PENSARMOS A RELAÇÃO GEOGRAFIA E LITERATURA

O Ensino de Geografia pela literatura promove a ampliação das concepções conceituais e categóricas para os estudantes ao mesmo tempo em que estimula nova linguagem e, portanto, promove o desenvolvimento da capacidade crítica nos alunos para além do dogmatismo e da hierarquização de valores e conhecimentos orientados pelas metodologias positivistas ou mesmo pela exacerbação do relativismo estimulado pelos autores pós-modernos, em outras palavras, as relações filosófico-geográficas e didático-pedagógicas pela literatura promovem a ampliação da interpretação do que seja o mundo e como o mesmo é organizado, essa verificação crítica será direcionada pelas experiências dos estudantes pela leitura imbricada à sua própria cotidianidade.

Recebido em 19/08/2013

Aprovado para publicação em 26/02/2014

A literatura em consórcio com a ciência geográfica permite a superação da estruturação da sociedade pela maleabilidade da imaginação, porém não se trata de nulidade dos postulados científicos, pois os mesmos são inseridos e extraídos da relação dialética ficção-realidade cuja permite a verificação da origem da obra literária e sua correspondência real com o cotidiano dos estudantes.

A constituição ontológica dos estudantes a partir desta relação passa pela verificação interpretativa de mundo, mas não um mundo alienado e distante, já que esse consórcio permite o entendimento das ingerências cotidianas e suas manifestações na vida dos estudantes, ao mesmo tempo em que demonstram a efetividade da estética como condição para a liberdade. Neste sentido, o equacionamento da consciência objetiva e das formas subjetivas que organizam o espaço geográfico passam pela produção estética das obras de artes. O presente trabalho tem como objetivo central viabilizar a compreensão da espacialidade pela linguagem literária sem abandonar os pressupostos científicos.

Buscamos compreender o processo de produção interdisciplinar (Geografia e literatura) objetivando a construção de uma metodologia didática a partir do espaço e que contribua para o processo ensino-aprendizagem no ensino fundamental e médio; centralizamos a pesquisa na elaboração metodológica teórica e prática a partir do estudo de obras literárias e a aplicabilidade das mesmas para o ensino de Geografia como componente crítico para a celebração de uma estética que vá além da forma autorizada pelos cânones oficiais e, portanto, limitadores de uma construção teórica e prática vivenciada no cotidiano sem prender-se ao mesmo, ou seja, a estética precisa evitar a prisão espaço-temporal e trazer elementos para repensá-los.

A relação Literatura, Geografia e Ensino precisam ser processados para além da dogmatização das categorias geográficas procuradas nos livros de literatura, ou seja, alguns ainda consideram a relação comprometida pela necessidade em encontrar nos livros alguma parte do mesmo que relate as categorias geográficas, como se a relação Literatura e Geografia fosse apenas compreendida por essa procura. Neste sentido, avançamos em oposição a essa visão positivista, pois entendemos que a obra literária em si é resultado de processos geográficos, históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais, isto é, não podemos ao ler uma obra buscar isoladamente as categorias geográficas como se as mesmas não se comunicassem com o mundo.

As práticas metodológicas que envolvem o ensino de Geografia trazem as marcas do positivismo ao separar os processos multifatoriais e multiescalares que são componentes e construtores da obra literária, uma vez que a separação destes inviabiliza a compreensão da totalidade. Pensar a totalidade significa ir além das explicações dicotômicas - essência e aparência - para adentrarmos nas relações efetivadoras de lógicas e processualidades que atestam as imbricações das condições materiais e das premissas que mantêm o modo de produção capitalista.

A totalidade operacionaliza pela leitura e compreensão de obras literárias por meio do ensino de Geografia potencializa a construção de alunos críticos, todavia isso somente é possível com a não fragmentação das informações, dos conhecimentos e das relações. A obra literária precisa ser apresentada como resultado de processos e não como mera ilustração para o ensino de Geografia.

A separação da obra dos elementos geográficos inviabiliza não apenas o entendimento da totalidade, também a solidificação de visões críticas que possam interpretar o mundo de forma múltipla. A fragmentação da realidade pela simplificação metodológica positivista ou pós-moderna na relação Literatura e Geografia produz um caminho interpretativo fragmentário, pois os alunos buscarão nos livros a Geografia categorizada e conceituada e não a Geografia do cotidiano, das relações múltiplas e ininterruptas.

A fragmentação da Geografia por abordagens positivistas ou pós-modernas levam os alunos a não relacionarem os elementos cotidianos que vivenciam com as teorias, como se fossem coisas diferentes, como se as experiências dos alunos não contassem como práticas geográficas. Essas experiências dos alunos são as categorias e conceitos geográficos vivos e a leitura de obras literárias permitirá a correspondência das experiências diárias destes com as ficcionais que devem convergir para a reflexão de suas próprias vivências.

O saber espacial somente tem sua plenitude na cognoscibilidade do sujeito ao compreender a relação ôntico-espacial, deste modo, a constituição do sujeito evidenciará a formação da humanidade sócio-histórica e geográfica a partir da sua identificação (conformidade ou inconformidade) com o mundo. Para isso a linguagem é imprescindível à constituição ontológica do sujeito, portanto, o ensino de Geografia apresenta aos alunos reflexões categóricas e conceituais (no sentido dialético de correspondência com o mundo) através das quais o mundo torna-se compreensível, isto é, a humanidade é interiorizada no aluno via Geografia. A partir de Monteiro (2002a) compreendemos essa relação como fomentadora da constituição do homem, mas não um homem isolado, fragmentado e recluso em si, mas um homem capaz de ir além de suas generalidades dogmatizantes e constituir uma universalidade que produza, segundo Monteiro (2002b), o homem verdadeiro e inteiro.

A interiorização do conhecimento geográfico pelas articulações escalares e as múltiplas linguagens são imprescindíveis à formação do saber espacial e a constituição crítica nos sujeitos. O ensino de Geografia promove a elaboração crítica das relações espaciais, em outras palavras, constroem nos alunos uma perspectiva geográfica dimensionada no cotidiano sem ser engessada às ideologias como delimitadoras e definidoras da relação sujeito-mundo.

Ensinar Geografia significa aproximar os alunos da compreensão da realidade a partir das relações espaciais, logo a construção de uma visão crítica pela ciência geográfica passa obrigatoriamente pelo ensino realizado multiescalarmente através de muitas linguagens. Para além do engessamento da linguagem acadêmica e dos manuais pedagógicos (como os livros didáticos) urgem outras linguagens capazes de fomentarem nos alunos a crítica nos seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, espaciais e históricos. Tais linguagens partem das constituições estéticas elaboradas a partir das artes, deste modo, a música, a literatura, a arte plástica, a dança, o teatro, o cinema e a escultura são fontes elaborativas para a constituição ôntico do ser humano, em outras palavras, a formação do ser humano pela Geografia emerge também da linguagem estética.

Cotidianamente o aluno move-se em diferentes linguagens, o mundo é percebido pelo mesmo a partir da relação das suas práticas e dos discursos compreendidos pelo cotidiano e por sua avaliação do mesmo, cuja depende também do processo de aprendizagem geográfica. Diante disso, entendemos que a constituição crítica do sujeito será formada a partir de sua não conformidade ao cotidiano, ou seja, o cotidiano passa a ser compreendido como um conjunto heterogêneo que contém simultaneamente a realidade física e um conjunto simbólico expresso, principalmente esteticamente. Os alunos olham o mundo pelas premissas de suas consciências e as legitimam como verdadeiras e reais pela aproximação interpretativa de seu mundo (escala micro) ao mundo total (escala macro), todavia a infidelidade desta aproximação ou mesmo correspondência se deve a incapacidade de compreender criticamente o mundo, não por ignorância, mas por não serem ensinados ou serem vítimas de um sistema impeditivo de pensarem além do cotidiano.

A Geografia, para além da narrativa espacial, tem também sua responsabilidade iniciada no processo de formação da humanidade nos alunos. Segundo Callai (2010, p.16) ensinar Geografia significa: “[...] desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial.”. Ensinar Geografia, portanto, significa possibilitar a compreensão dos múltiplos aspectos da vida cotidiana, aspectos representados materialmente e imaterialmente pelas relações culturais, sociais, econômicas e políticas. O ensino de Geografia tem como objetivo central colaborar para a formação da humanidade nos sujeitos através da interiorização de práticas que possibilitem a orientação social a partir de valores éticos e solidários para o convívio cotidiano na organização da espacialidade.

A formação da humanidade nos sujeitos pela Geografia passa pelo desafio em apresentá-los e fazê-los críticos quanto ao mundo. O desafio principal ao ensino é possibilitar que os alunos tenham adquiridos conhecimentos que os permitam compreender suas experiências cotidianas relacionadas aos aspectos materiais, tecnológicos, sociais, culturais, políticos e econômicos. Para isso é fundamental o desenvolvimento de metodologias capazes de fomentarem o conhecimento geográfico e conduzirem os sujeitos ao pensamento crítico em todas as dimensões: no pensar e no cotidiano prático.

A construção do conhecimento geográfico precisa ser organizada pela relação dialética prática-conceitual, deste modo, o saber espacial será compreendido a partir do cotidiano do aluno com suas múltiplas experiências. Deste modo, torna-se fundamental o desenvolvimento de metodologias que utilizem diferentes linguagens para que seja possível desenvolver nos alunos a compreensão espacial da realidade.

Diante disso, a utilização da literatura na formação pedagógica geográfica é de grande importância e relevância, uma vez que permite a compreensão da espacialidade como parte da totalidade a partir do entendimento dos valores sociais e da instrumentalização crítica à organização social, política, econômica e cultural.

O desenvolvimento do conhecimento passa, portanto, pela perspectiva espacial por meio de outra linguagem, neste caso a literatura, permite o entendimento e o desenvolvimento da totalidade geográfica, por meio das relações processuais categóricas e conceituais que partem obrigatoriamente da constituição simbólica materializada socialmente e apresentadas pela literatura. Essas categorias e conceitos precisam ter como prevalência as experiências dos sujeitos e consciência de como os mesmos são inseridos socialmente e espacialmente. Consciência que será efetivamente trabalhada nas obras literárias, isto é, as mesmas “obrigam-se” a fornecerem experiências que serão debatidas com a vida dos alunos, deste modo, as categorias e conceitos geográficos são vivos e não constituições meramente teóricas.

O processo ensino-aprendizagem a partir da Geografia e da Literatura permite a edificação de uma interdisciplinaridade contribuinte para que os alunos tenham ampla compreensão das relações sociais, históricas e geográficas, também se soma a ampliação da capacidade crítica a partir de outra linguagem, as categorias da representação geográfica (MOREIRA, 1987) em consórcio com a literatura permitem a ampliação da compreensão do espaço cotidiano pelos alunos.

A interdisciplinaridade não significa o abandono das categorias geográficas ou os postulados analíticos da literatura, entendemos que o processo interdisciplinar é o conjunto categorial e conceitual de ambas as áreas do conhecimento que são processadas pedagogicamente e miram para uma finalidade comum: a formação do aluno como cidadão e a ampliação de sua capacidade crítica.

O ensino de Geografia a partir da relação interdisciplinar com a literatura promove a superação de uma educação estática, segundo Castellar (2010, p. 39): “Um dos desafios colocados para os professores nos dias de hoje está em superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz, investindo em uma educação com mais qualidade e criatividade”.

O desafio da superação da paralisia pedagógico-geográfico passa obrigatoriamente pela ampliação das linguagens apresentadas e trabalhadas em sala de aula; logo, a linguagem literária contribui dinamicamente para a aproximação efetiva dos alunos com a totalidade espacial a partir de ideias mais criativas e muito mais próximas do cotidiano destes.

É importante pensarmos o ensino de Geografia pela construção de uma metodologia fomentadora da relação contínua entre a perspectiva espacial e seus desdobramentos em diferentes linguagens, neste caso, a literatura. A posição dialógica no ensino de Geografia favorece a ampliação da compreensão da realidade e a importância disto está na movimentação teórico-conceitual da relação dialética entre campos distintos de conhecimentos aplicados simultaneamente na elaboração metodológica para contribuir para o processo ensino-aprendizagem. Esse processo fundamenta-se na constituição estética do espaço, ou seja, constrói-se uma perspectiva estética geográfica.

O pensamento estético geográfico parte de suas propriedades categóricas e conceituais, constitui-se esteticamente a partir do processo dialético na relação processual da sociedade com o sujeito e este com o seu cotidiano, portanto, a Literatura, nesta relação, torna-se imprescindível para apoiar e alavancar a coerência entre a realidade e a ficção no direcionamento estético para a perspectiva espacial.

Os desafios da interdisciplinaridade Geografia e Literatura residem principalmente na relação realidade-ficção, uma vez que a narrativa literária não precisa ser fiel aos aspectos reais do cotidiano, enquanto a Geografia busca a compreensão da realidade. Essa relação

merece o máximo de atenção, pois ao negligenciar limites da linguagem geográfica e da linguagem literária o trabalho interdisciplinar poderá não alcançar os objetivos centrais. O equilíbrio é fundamental para o desenvolvimento do trabalho para compreendermos os limites de cada linguagem e elaborar um conjunto metodológico que possa servir de base para o processo ensino-aprendizagem alcançando a elaboração de uma estética geográfico-literária.

A elaboração de uma estética geográfico-literária colabora na mediação da totalidade espacial do aluno para seu cotidiano, ao mesmo tempo em que promove a leitura historiográfica da dimensão espacial na relação ficcional-real. A contribuição deste processo interdisciplinar colaborará para o entendimento do processo histórico e geográfico mediado pela cultura. Portanto, torna-se fundamental a verificação cultural e a delimitação desta no processo ensino-aprendizagem pela interdisciplinaridade sem isolá-la como fazem os pós-modernos, ou seja, precisamos compreender a cultura pelas relações totalizadoras da mesma sem subtrair a materialidade ou a imaterialidade.

O caminho que apresentamos parte do processo ensino-aprendizagem pelo desenvolvimento científico e metodológico interdisciplinar que coordena as relações entre as especificidades das áreas de conhecimento e da estética literária. Desta forma, não negligenciamos, a partir da leitura Williams (1979), as relações sociais e culturais constituintes na literatura e interpretadas pelas exigências científicas da Geografia, pois voltamos nossa atenção à centralidade dos discursos produzidos historicamente e delimitados pelas condições materiais e imateriais do modo de produção capitalista.

Deste modo, a obra literária parte de uma intencionalidade estética vinculada às condições sociais e culturais do autor, portanto, à Geografia cabe a identificação destes processos e o resultado processual torna-se válido a partir da continência relacional ficção-realidade, em outras palavras, os alunos terão, de fato, a edificação de saberes interdisciplinares ao compreenderem dialeticamente o espaço ficcional e real sem a subtração das consequências históricas vinculadas ao fazer-se como sujeito.

ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA

É fundamental compreendermos os processos relacionais do ensino de Geografia e Literatura por um viés crítico e que possamos assumir a orientação pedagógica pelo cotidiano ligando a literatura à realidade dos alunos. Urge empenharmos nas análises das obras literárias não pela “procura” dos conceitos e categorias geográficas, mas pela totalidade da própria Geografia explicitada na obra literária.

Os processos de análises das obras literárias em consórcio com os postulados geográficos apresentam uma visão plural do discurso literário, não devemos focar o discurso pelo discurso, sobretudo, é fundamental a interação do sujeito para com o universo ficcional projetado no retorno à realidade a partir das considerações experimentadas cotidianamente pelo sujeito, pois o aluno desenvolverá sua formação crítica por meio do pensamento científico, da imaginação, da sensibilidade, da criatividade e da fantasia.

A partir de Cândido (2002) entendemos a Literatura como fomentadora do processo para educar os sujeitos além da normalidade ideologizada e/ou das pedagogias conservadoras e positivistas ou pós-modernas, pois apresenta aos sujeitos um impacto considerável e permite aos mesmos redescobrirem o mundo e colabora para que os sujeitos construam seus caminhos para a liberdade. A literatura, portanto, tem o papel libertador, isto é: “Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 2002, p.85)”.

As experiências, no sentido de Thompson (1981), produzidas a partir das leituras não revelaram, por si e em si, a verdade a partir da realidade, porém apresentam axiomas possíveis de serem relacionados ao cotidiano, possibilitando ir além da aparente concretude e harmonia.

É fundamental a construção metodológica para o processo ensino-aprendizagem sem abdicar dos processos históricos, geográficos e ficcionais dialeticamente presentes nos sujeitos, pois os mesmos desenvolverão capacidades avaliativas para compreenderem suas condições ontológicas. A compreensão ontológica leva a subtração da crise existencial, que segundo Agosti (1970), essa crise permanente produz nos seres humanos o estreitamento de

sua visão e até mesmo a banalização de suas condições existenciais. Para isso a relação ensino de Geografia e literatura deverá ser realizada a partir de articulações escalares entre a produção dos discursos literários e os postulados científicos geográficos; assim, analisar obras literárias e construir um caminho metodológico didático é fundamental para o fortalecimento de uma visão comprometida com a totalidade, ou seja, uma visão crítica de mundo.

Neste sentido, a relação entre a análise do discurso literário e a ciência geográfica permite a construção do entendimento entre a produção ideológica a partir dos elementos constitutivos da cultura e das relações dialéticas com as experiências dos sujeitos no cotidiano dos mesmos. Apontamos o discurso literário como significativo para a compreensão sócio-espacial e histórica, não de forma isolada, mas articulada entre a ontologia do ser social e as experiências ficcionais que revelam aspectos sombreados e não nítidos do cotidiano para os sujeitos.

Nesta sequência o sujeito (o aluno) passa a compreender as relações cotidianas a partir de seus esforços em se projetarem para além da normalidade e da causalidade cotidiana, funda-se no sujeito uma simbologia que o projeta para fora do que Kosik (1995) chamou de pseudoconcreticidade. O fundamento interpretativo do mundo via interdisciplinaridade geográfica e literária permite aos sujeitos integrarem-se às redes simbólicas as quais delimitam seu universo existencial, em outras palavras, a cultura solidifica a compreensão simbólica e interfere diretamente na perspectiva espacial, sempre atrelada as ingerências de como se vive e no nosso caso vivemos no modo de produção capitalista.

Neste sentido, a relação ensino de Geografia e Literatura tem como centralidade a necessidade de partir do espaço para alcançá-lo, em outras palavras, o espaço que buscamos compreender interdisciplinarmente encontra-se no próprio entendimento da espacialidade nos seus aspectos materiais e imateriais, neste sentido, Santos (1996, p. 85) aponta que: "O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos".

O espaço é múltiplo, não se pode compreendê-lo a partir da materialidade, da aparência e do isolamento dos objetos, pois o espaço é o visível sustentado pelo invisível e vice-versa; a manifestação do espaço por permanências e/ou mudanças promove a espacialidade. A relação espaço geográfico e espaço da narrativa não devem ser confundidos, pois deve ocorrer uma interação processual na análise do espaço pelo confronto da totalidade ficcional e real. Assim, entendemos que a importância em compreendermos o espaço passa obrigatoriamente pela ampliação de nossa crítica para entendermos a totalidade, pois segundo Mattéi (2002, p. 140): "Tudo no ocidente é uma questão de espaço [...] E todo espaço é, de imediato, uma questão de delimitação. A alma é limitada pelo corpo; o mundo é limitado pelo caos; a civilização é limitada pela barbárie".

A delimitação espacial não pode ser isolada na análise da obra literária como apontou Lins (1976). Ao mesmo tempo a obra literária revela uma espacialidade que não comporta a delimitação imediata na perspectiva geográfica. Entender a relação espacial literária e geográfica é delimitar retas transversais e paralelas, ou seja, a espacialidade manifesta-se pela elaboração do cruzamento das ações ficcionais com a materialidade-imaterialidade geográfica, isto é, a transversalidade do real e do ficcional produz correspondências verificáveis em ambas, isto não significa que a obra literária necessite ser realista, a transversalidade também não significa empirismo, trata-se de coincidências ou construções propositalmente que revelem simultaneamente o espaço geográfico e literário como desdobramentos ou mesmo até recolhimentos estruturais. A relação Literatura e Geografia para o ensino exige a compreensão desta espacialidade e de suas continuidades entendidas nas experiências cotidianas dos alunos.

As retas paralelas compõem o impossível, são universos simbólicos trabalhados que se tocam esporadicamente, mesmo assim existem elementos de validação para a relação interdisciplinar, pois a compreensão da espacialidade geográfica passa pela comparação dos impossíveis, fomentando o desenvolvimento não de paralelismo entre o real e o ficcional, mas apresentando-os validamente no cotidiano.

A partir de Barthes (1970) as construções das retas de análises às obras literárias devem partir da constituição simbólica, dos cruzamentos e paralelismos da composição narrativa

em consórcio e com isso entendemos as experiências dos sujeitos no seu cotidiano. Para que possamos desenvolver uma metodologia interdisciplinar entre Geografia e literatura é fundamental compreendermos o processo de formação universal do símbolo na obra literária e suas correspondências (ou mesmo divergências) com as preocupações categóricas e conceituais da Geografia.

Também no caminho de Barthes (1970) a criação literária é a criação, pelo escritor, do próprio mundo literário, composto por formas e conteúdos específicos fundadores de uma espacialidade; assim, a partir de Williams (1979) compreendemos que a literatura é a manifestação da cultura do escritor e de suas experiências. O mundo literário, portanto, não é irreal no sentido da inexistência, da impossibilidade de contextualização fenomênica dos seus elementos, a realidade ficcional está na íntima relação do processo criativo e da realidade sócio-histórica e geográfica.

Cândido (2005) afirma que o processo de estudo de uma obra literária não pode ser realizado apenas pelos elementos literários, a compreensão do contexto histórico e geográfico é imprescindível. As experiências reveladas na leitura das obras somente existirão na correspondência simbólica dos sujeitos, torna-se realidade aquilo que pode ser compreendido fenomenicamente.

Muitos dos valores ativos da “literatura” devem então ser vistos não como ligados ao conceito, que passou tanto a limitá-los como a resumi-los, mas como elementos de uma prática continuada e em transformação, que já ultrapassa, substancialmente e agora no nível da redefinição teórica, as suas velhas formas. (WILLIAMS, 1979, p. 59).

Não buscamos o engessamento da obra literária a partir das categorias, teorias e conceitos geográficos, mas as correspondências entre os elementos da obra literária e as preocupações geográficas, em outras palavras, não podemos ir até o texto procurar elementos que não compõem o repertório da criação literária do autor, mas identificar retas interpretativas simbólicas que permitam a compreensão da obra pelos cruzamentos e paralelismos com a ciência geográfica, que revelem o espaço na sua multidisciplinaridade escalar. Constituem, portanto, as obras literárias e a Geografia conjuntos de imagens e símbolos que repercutem no cotidiano dos leitores fomentando-os a ampliação de suas considerações críticas quanto ao seu universo simbólico e material.

É fundamental sublinharmos: a obra literária ou romance é resultado do processo criativo do escritor, do período histórico e das condições geográficas, desta forma, não podemos e nem devemos centralizar o romance como tratado científico instrumental, ou como apontou Barthes (1971) o romance é resultado da liberdade, mas uma liberdade vigiada pelos elementos mencionados anteriormente, isto é:

O romance, segundo Brosseau (1996), apresenta uma forma específica: ele não é um discurso científico, logo não diz a mesma coisa e nem apresenta a mesma forma que aquele. Por isso, ele não pode ser tratado como uma ferramenta, mas deve ser respeitado em sua especificidade. (BARCELOS, 2009, p. 44).

Trata-se, portanto, de organizarmos a ordem das imagens e dos símbolos correspondentes à esfera estética artística e a ciência geográfica a partir da composição interdisciplinar. A organização estética das imagens pelas obras literárias prende-se às condições subjetivas e objetivas dos autores, pois refletem as condições históricas e geográficas em que as mesmas foram compostas e não se podem ignorar tais elementos conjunturais - é exatamente este o papel da ciência geográfica nesta construção para a compreensão da totalidade por meio de outra linguagem.

A relação interdisciplinar aqui objetivada é fundamental para a compreensão do mundo, nas palavras de Barthes (1971, p. 44) “[...] o mundo não fica inexplicado quando o narram [...]”. A narrativa promove a compreensão do mundo, todavia a narrativa por si não é suficiente para explicar a totalidade, portanto, a narrativa literária precisa de interpretações promovedoras da compreensão imagética e simbólica elaborada pelo escritor e evidenciada ou não

evidenciada no cotidiano, pois segundo o próprio Barthes (1977) apontou que o texto é essencialmente simbólico, por isso, o entendimento da mesma passa obrigatoriamente pelas experiências dos sujeitos e estas serão compreendidas multi-escalarmente e multidirecionalmente a partir de um logos espacial. “Dessa forma, a literatura não somente reconstitui uma experiência, como também formula experiências”. (BARCELOS, 2009, p. 42).

O termo ausente da completude histórica para o entendimento da totalidade dialética para Thompson (1981) é a experiência, em outras palavras, a experiência é o ponto nevrálgico para a superação da própria condição existencial, ter consciência do cotidiano experienciado significa projetar-se para além do engessamento imposto pelas condições materiais e até mesmo imateriais. Pensar no cotidiano e relatar as experiências projetadas em cenários não convencionais (ou convencionais e/ou ausentes do cotidiano) é parte fundamental da metodologia que deve ser trabalhada a partir da relação com o ensino de Geografia e a Literatura, essa relação interdisciplinar promove a quebra de “verdades” e descondiciona o sujeito dos processos ideológicos que o mesmo é submetido cotidianamente. Barthes (1977) compreende esse caminho relacional e interdisciplinar como necessário para a efetivação de novas soluções para velhos problemas; assim, Barthes (1977, p. 155) quanto à interdisciplinaridade entende que:

Na verdade, é como se a interdisciplinaridade que hoje é tida como um valor primordial na investigação não possa ser realizada pela simples confrontação de agências especializadas do conhecimento. A interdisciplinaridade não é a calma de uma segurança fácil, mas começa efetivamente [...] quando a solidariedade das velhas disciplinas quebra - para baixo talvez até com violência, através dos choques de moda - no interesse de um novo objeto e uma nova linguagem de nenhuma das quais tem um lugar no campo das ciências que estavam a ser levado pacificamente junto, este mal-estar na classificação sendo precisamente o ponto a partir do qual é possível diagnosticar uma determinada mutação.

Barthes (1977) já salientava a inexistência da brandura pela opção interdisciplinar e apontou que às vezes a inevitabilidade da quebra de uma disciplina é importante para a construção de outras, todavia, isso soa inútil, pois segundo o autor o texto é a própria interdisciplinaridade. Cabe-nos compreender o texto articulando-o com as experiências cotidianas que promovem o entendimento do universo simbólico na projeção sujeito-mundo e vice-versa. O universo simbólico dos sujeitos (dos alunos) - via interdisciplinaridade geográfico-literária - será evidenciado à medida que conseguirem organizar a simbologia pela correlação da estética e do mundo.

A organização simbólica resulta na produção de uma identidade que é extremamente importante para a compreensão das experiências cotidianas. Torna-se fundamental trabalharmos – pela relação interdisciplinar – para o entendimento da própria existência social, histórica, geográfica, política, cultural e econômica destes alunos. Por meio da relação interdisciplinar pela fundamentação estética geográfica compreendemos a necessidade em trabalharmos as obras literárias pela enredo edificado imageticamente, ou seja, a narrativa literária precisa direcionar os leitores para também lerem espacialmente o seu cotidiano, desta forma, as imagens encontradas diariamente pelos alunos serão evidenciadas pela relação daquilo que a literatura promove imbricada à Geografia. Buscamos esse caminho na esperança da superação da obsessão e do fetichismo imposto pelo modo de produção capitalista, já que as imagens cotidianas serão confrontadas ao universo literário e, por fim, reprojatadas no mundo pelos alunos.

Para Tournier (1994) o ocidente é imagético e a construção da identidade ocidental passa pelas imagens. Para a Geografia isso significa que o espaço é organizado materialmente e imaterialmente, logo a constituição material do mesmo passa dialeticamente pela relação produção-consumo-moral e conjuntamente revela ao sujeito a totalidade via imagem, o mesmo pensa o mundo a partir de pressupostos estéticos, faz-se, portanto, fundamental o desdobramento estético no ensino de Geografia a partir da interdisciplinaridade com a literatura.

O ensino de Geografia quando atento aos problemas típicos da estética (percepção, forma e conteúdo, relação sujeito e objeto, o sujeito diante do belo e questão de método), colabora

para o aperfeiçoamento do entendimento da realidade, pois os alunos terão maior capacidade avaliativa quanto aos múltiplos fenômenos da dinâmica social e da dinâmica da natureza por meio de uma percepção atrelada à existência da materialidade construída geográfica e historicamente.

Diante disso é imprescindível a compreensão da estética e sua relação metodológica com o cotidiano do aluno, ou seja, é necessário provocar nos alunos (desde as séries iniciais do ensino fundamental) outro olhar sobre o espaço organizado materialmente e dialeticamente relacionado à superestrutura, portanto, a estética literária imbricada às categorias geográficas resultará numa percepção crítica do sujeito para com o mundo, todavia tal crítica relaciona-se com a materialidade, com a prática cotidiana, com a possibilidade de reconstruir o mundo por meio dos valores éticos revelados esteticamente, isto é, a estética pode revelar a superestrutura, entidade subjetiva do ser, na concretude dos objetos e suas funções sociais.

Neste sentido, compreendemos a estética filosofia empregada na avaliação do mundo, isto é, por meio do ensino de Geografia será construída uma visão de mundo, logo o ensinar geográfico relaciona-se, obrigatoriamente, também com a formação crítica dos valores estéticos e éticos (MOREIRA, 1987).

Os valores estéticos entrelaçam-se com a questão de método e configuram a percepção do sujeito, portanto, a estética não é apenas o estudo do belo, o estético é um valor subjetivo que se objetiva cotidianamente e interfere na interpretação da realidade. A estética revela uma sensibilidade propositiva ou mesmo impositiva.

A sensibilidade humana estética liga-se ao belo, portanto, a beleza é um dos fatores que determina a relação entre o que se vê e o que se sente, ou melhor, como o ser humano, cotidianamente, lida e crê nas coisas esteticamente que o comovem? Segundo Haug (1997) no capitalismo a aparência é restrita ao valor de uso, portanto, os elementos sensibilizadores que compõe o universo estético dos ocidentais capitalistas são os símbolos próprios do consumo, isto é, o imperativo estético é o valor de uso, mas não se trata de um valor de uso meramente subsidiário, visto que o valor de uso liga-se, intimamente, ao valor de troca – trata-se não apenas de trocas materiais, trata-se de trocas simbólicas subjetivas.

A interdisciplinaridade fundamenta a imbricação estética e científica resultando num quadro compreensível para os alunos, mas não um quadro sustentado pela mesmice do cotidiano, um quadro capaz de eivar a crítica aos alunos, isso significa pensar para além das limitações impostas pelas condições materiais, sociais e culturais. Tal postura no ensino de Geografia permitirá a superação do que Moreira (2006) chama de o homem atópico, isto é, pelo ensino de Geografia a partir da literatura, num posicionamento interdisciplinar, os professores subtrairão de seus alunos a inércia diante do mundo. Neste sentido, as diferentes linguagens (Geografia e Literatura) colaborarão para uma postura em que o sujeito (o aluno) ocupe o centro da sua existência a partir de valores mais amplos do que os impostos pelo capitalismo. Neste sentido, a partir de Monteiro (2002a e 1988) entendemos que o universo literário não está distante do universo cotidiano e o processo ensino-aprendizagem pela Geografia fomentará outra visão de mundo sem limitar-se às imposições das elites detentoras dos meios de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação geografia, ensino e literatura tem como centralidade a ampliação da compreensão crítica dos alunos. O ensino de Geografia por meio das análises literárias promove a ampliação das relações significativas e simbólicas com o cotidiano do aluno, tal ampliação torna inevitável a crítica à própria condição histórica, social e geográfica do aluno. Para além da ficção como ficção firmamos a necessidade em processar a realidade pelo movimento dialético do sujeito com o mundo e com a obra literária.

O caminho que traçamos, ora inicial, tem ainda muitas questões para serem refletidas, mas entendemos que essas levantadas nesse trabalho sinalizam os principais problemas que iremos dedicar. Afastamos a literatura como ferramenta e tomamos a mesma como componente geográfico, como parte da totalidade da realidade. Diante disso, firmamos o compromisso em construir um cabedal teórico que permita a ampliação das questões didáticas e pedagógicas para o ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

- AGOSTI, H. P. **Condições atuais do humanismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- BARCELLOS, F. R. **Espaço, Lugar E Literatura – O Olhar Geográfico Machadiano Sobre A Cidade Do Rio De Janeiro**. Espaço e Cultura, UERJ, N. 25, Jan./Jun. 2009, p. 41-52.
- BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. **Image Music Text**. Londres: Fontana Press, 1977.
- _____. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BERENSON, B. **Estética e história**. São Paulo: Perspectiva, 1973
- CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E.; MORAES, L. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 15-38
- CANDIDO, A. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Humanistas, 2005.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CASTELLAR, S. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E.; MORAES, L. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 39-58.
- _____; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage, 2010.
- COSGROVE, D. **Em direção a uma Geografia cultural radical: problemas de teoria**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, n. 5, p. 05-30.
- HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Edunesp, 1997.
- LIMA, L. C. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- MATTÉI, J. F. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: Edunesp, 2002.
- MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002a.
- _____. Do Mutum ao Buriti Bom: travessia de Miguilim. Revista **Geografia**, UEL, v. 11, n. 1, Jan/Jun. 2002b, p. 05-26.
- _____. O conteúdo geográfico nos espaços romanescos. **Ciência e Trópico**, p.175-205, 1988.
- MOREIRA, R. **O discurso do avesso (para a crítica da geografia que se ensina)**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- _____. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo:
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- _____. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. **Costumes em Comum, Estudos Sobre A Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TOURNIER, M. **Le Tabor et le Sinai**. Paris : Galimard, 1994.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. São Paulo: Zahar Editores, 1979.